

## SOB O OLHAR DE EROS: A POÉTICA DE KAVÁFIS PELOS TRAÇOS DE HOCKNEY, FASIANOS E SANRUNE<sup>1</sup>

Fernanda Lemos de Lima  
UERJ/UFRJ

Mais tarde, foi o poeta grego-alexandrino Konstantinos Kaváfis que se tornou uma grande influência. Eu havia lido o romance de Lawrence Durrell, *O quarteto de Alexandria*; no fim de *Justine* estava “A cidade” de Kaváfis, que me impressionou. Eu li mais e fiquei muito sensibilizado com sua maneira direta e sua simplicidade; e então eu encontrei a tradução de John Mavrogordato na biblioteca de Bradford, no verão de 1960, e eu a roubei.<sup>2</sup>

Este depoimento de David Hockney pintor inglês, que vive há anos na Califórnia, fala-nos de seus primeiros contatos com a poesia de Konstantinos Kaváfis. Contato e fascinação que levam à transgressão da norma, através do roubo da poesia. Mas não é apenas o livro de Kaváfis que Hockney guarda. O pintor guarda do poeta suas imagens sensuais, desenhadas em palavras, para transformá-las em traços negros sobre papel, em desenhos feitos exclusivamente para ilustrar os poemas escolhidos a dedo pelo pintor.

A presente comunicação busca explorar a obra de Konstantinos Kaváfis, poeta que vive a virada do século XIX para o XX e cuja produção literária tem o homoerotismo não apenas como temática principal, mas como parâmetro estético. Todavia, esta abordagem da obra de Kaváfis se faz em contraste com três artistas que decidiram ilustrar alguns de seus poemas: David Hockney, Alekos Fasianos e Carlos Sanrune.

---

<sup>1</sup> A presente comunicação é, em parte, fruto do trabalho de pesquisa desenvolvido junto à University of Minnesota, através do PDEE da Capes, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Arenas (University of Minnesota) e, em parte, da pesquisa desenvolvida junto à UFRJ, sob a orientação da Profa. Dra. Beatriz Resende.

<sup>2</sup> HOCKNEY, David. *David Hockney*. Nova York: Harry N. Abrams Inc., 1976, p.63.

Esta apreciação é uma parte da tese de doutorado à qual me dedico no momento e que trata justamente da questão do homoerotismo nos escritos do poeta alexandrino. Entretanto, se, ao inscrever a presente comunicação neste congresso da Abralic, eu conhecia os diálogos promovidos por esses três artistas com Kaváfis, além da escrita de João Miguel Fernandes Jorge, poeta português contemporâneo, que recupera a relação Hockney-Kaváfis em um de seus poemas, alguns meses depois, deparei-me com o leque dialógico entre a produção artística contemporânea e a obra de Kaváfis ampliado, uma vez que, além de Hockney, Fasianos, Sanrune e Jorge, encontrei o dramaturgo inglês Gerald Killingworth a escrever uma peça de nome *Days of Cavafy*, além do livro *Hommage a Cavafy*, do fotógrafo Duane Michals.

O questionamento que norteia essa parte de minha tese lida com a idéia de termos em Kaváfis uma espécie de referência, de marco literário não apenas da literatura grega moderna, mas de uma cultura que se constitui a partir de uma subjetivação coletiva em torno das representações do prazer homoerótico.

Harold Bloom aponta em seu anexo de *O cânone ocidental*, dedicado às literaturas “outras”, Kaváfis como um cânone para a Grécia moderna. Ironia, uma vez que o poeta em questão foi um grego da diáspora, atacado por alguns de seus contemporâneos residentes em Grécia. Apesar disso, o poeta alexandrino se converteu em marco. Note-se que isso se deu apenas depois de sua morte, uma vez que ele evitou publicar sua obra em vida, optando por fazer circular seus poemas em folhas avulsas, entre um grupo seleto de leitores.

Kaváfis se tornou conhecido em Inglaterra antes de sua morte, através da apresentação de E. M. Forster, feita em 1922, no livro *Pharos and Pharillon*<sup>3</sup>. Forster, como Kaváfis, lidava com o homoerotismo em sua literatura, vindo inclusive a escrever um romance voltado para a questão do relacionamento homoerótico da *gentry* inglesa, bem como com as questões de transcendência dos preconceitos sociais em nome do amor, o amor entre homens. Entretanto, Forster só permite a publicação de *Maurice* após a sua morte. O livro vem a público em 1973 apenas.

Forster parece ter insistido muito com Kaváfis para que publicasse as traduções de seus poemas em inglês, entretanto o poeta alexandrino argumentava que preferia primeiro ver a edição de seus poemas em grego. O que não aconteceu. Não obstante, após a morte de Kaváfis, em 1933, John Mavrogordato publica a primeira tradução de seus poemas, em 1951, tradução importante por ser a primeira edição de poemas de Kaváfis que fica disponível para os leitores de língua inglesa.

Esta tradução em inglês acabou por reforçar a idéia do homoerotismo que perpassa a obra kavafiana mesmo quando este não é explicitado, o que ocorre com certa frequência. Ou, pelo menos, não explicitado no gênero dos amantes que se encontram furtivamente, mas em termos recuperados a um vocabulário médico-jurídico que condena as práticas sexuais entre homens. Esta é uma das táticas empregadas por Kaváfis para determinar qual é o tipo de “leito” em que o amantes se entregaram a Eros.

Quando Kaváfis fala do amor ilícito, que não gera frutos, lascivo (*lagnós*), ele está se utilizando de um vocabulário que condena a prática homoerótica para afirmá-la na poesia e, mais ainda, ao adjetivar tal prática, ele transforma seu caráter inicialmente negativo e faz surgir do amor “ilícito”, o amor feito para aqueles que “não temem”, para os “intrépidos”, que, como os heróis de Homero, também são

---

<sup>3</sup> FORSTER, E. M. *Pharos and Pharillon*. Londres, 1922.

considerados *tolmiróteres*, os mais ousados. Assim encontramos o termo empregado no poema “Os perigos”: O meu corpo ao desejo entregarei,/aos prazeres sonhados,/aos mais ousados desejos eróticos,/aos impulsos lascivos de meu sangue, sem/medo algum(...)<sup>4</sup>.

Esta “atitude” de Kaváfis parece operar uma espécie de performance, no sentido em que Judith Butler cunhou o termo<sup>5</sup>, para que pudessemos escapar à armadilha da identidade como “ficção reguladora”<sup>6</sup>. Indo além, seremos capazes de perceber que a ética/estética kavafina opera numa dinâmica de apropriação de formas de opressão social, como o discurso homofóbico, e transformação desta em fator positivo. Judith Butler, ainda em *Gender Trouble*, argumenta: “a repetição de constructos heterossexuais em molduras homossexuais traz à tona o total *status* de construção do chamado original heterossexual”.<sup>7</sup>

A partir da reflexão de Butler, temos a idéia da apropriação dos assim chamados “constructos heterossexuais” em molduras “não-heterossexuais”. Portanto a idéia de que os discursos não são “naturais”, mas construções, gera a possibilidade de promover o desvio do discurso regulador a partir do próprio discurso, procedendo ao que Butler chama de “repetição subversiva”.

Assim, o discurso heterossexual homofóbico do mundo vitoriano acaba por ser usado como um meio de identificação do desejo condenado por lei, através de sua “repetição subversiva”. A poesia kavafiana opera, assim, uma denúncia da “ficção reguladora” dos prazeres, através da subversão do valor negativo das palavras condenatórias, palavras que funcionam como meio de reconhecimento e, ao lado de elementos positivos, acabam por gerar um discurso de exaltação do prazer homoerótico.

---

<sup>4</sup> KAVÁFIS, Konstantinos. *Apanta Piitika* (Toda poesia). Atenas: Hypsilon, 1990, p.54. Tradução nossa.

<sup>5</sup> BUTLER, Judith. *Gender Trouble*. Nova York: Routledge, 1999.

<sup>6</sup> Idem, p.32.

<sup>7</sup> Idem, p.43. Nossa tradução.

Portanto, ao incorporar um vocabulário “homofóbico”, Kaváfis não aceita o discurso jurídico ou científico, ao contrário, denuncia, de certa forma, a perseguição promovida pelos mesmos discursos. O poeta, ao transformar em arte a matéria homoerótica, acaba por tornar o amor “fora-da-lei”, em sublime, heróico, feito para intrépidos, que buscam o prazer (hedoné), sem medo algum.

#### Inícios

Por completo o ilegal prazer  
se deu. Do leito se levantam,  
e com pressa vestem-se sem nada dizer.  
Saem separados, escondidos, da casa; e seguem  
assim inquietos pela rua, como se  
temessem que algo neles revelasse  
em que tipo de cama a pouco se deitaram.

Mas a vida do artista se enriquece  
Amanhã, no outro dia, anos mais tard, serão escritos  
os versos fortes que têm seu início aqui<sup>8</sup>.

Em “Inícios” nota-se a presença do prazer ilegal, um prazer que, embora seja condenado por lei, é fruído e se torna matéria da arte. Justamente, ao se tornar matéria da arte, percebemos a repetição subversiva do discurso regrador, pois é a arte que irá gravar, em sua perenidade, o momento de prazer vivido ilegalmente.

A estética da subversão realiza a transgressão poética, tornando o crime, o amor ilegal, em matéria de arte, que, mediada pela memória do artista, se fará poesia.

Estando clara a idéia de subversão realizada na poesia de Kaváfis, torna-se, igualmente, clara a presença do homoerotismo, não apenas como temática mas como razão da poesia. Podemos reconhecer em Kaváfis uma espécie de estética homoerótica, subversiva, a qual traz em si, muitas vezes,

---

<sup>8</sup> KAVÁFIS, Konstantinos. *Apanta Piitika* (Toda poesia). Atenas: Hyspilon, 1990, p.127. Tradução nossa.

o que Michel Foucault irá chamar, no segundo volume da *História da sexualidade*, uma ascese para a vida, um cuidado de si, que prevê o bom viver como exercício de corpo e mente.

Esta ascese é professada pela voz do rapaz mencionado no poema “Os perigos”, voltemos a ele: “Tornar-me-ei forte com teoria e com estudo/ As minhas paixões não temerei como covarde/O meu corpo ao desejo entregarei,/(...)aos impulsos lascivos de meu sangue, sem/medo algum (...)”<sup>9</sup>.

Através de uma ascese, que passa pela teoria e pelo estudo, é possível se fortalecer para enfrentar os perigos de um desejo, de prazeres que são buscados a partir do desejo que “pulsa” no sangue, no corpo que deseja experimentar. Os “impulsos lascivos”, que poderiam ser vistos como algo pejorativo, estão ao lado da idéia de ousadia, uma idéia que está ligada ao vocabulário homérico do campo semântico do herói. Cabe lembrar que Kaváfis repete o vocabulário homérico, em que *tólme* significa ousadia, mas igualmente, “ardor pelas belas ações”<sup>10</sup>. Portanto, se os impulsos são lascivos, são, ao mesmo tempo, de um ardor heróico.

Notemos, ainda, como se dá a ascese professada no poema “Perigos”: a mesma não segue preceito religioso ou padrão moral estabelecido a partir de determinações sociais, de modo diferente do “cuidado de si” da cultura greco-romana, mas se filia a uma idéia de existência estética, que passa pela fruição dos prazeres, desta feita, uma existência constituída por uma busca de fortalecimento para a realização de aspirações individuais.

A transgressão, realizada pelo poeta, reflete um pensamento seu, registrado em uma pequena nota escrita em inglês:

O homem dito mau abomina a maldade tanto quanto o homem dito bom. Só que a sua concepção de maldade é diferente. Ele explica suas ações a si próprio e não as considera más. Ao mesmo tempo em que está cometendo uma ação muito má - um

---

<sup>9</sup> Idem, p. 54. Tradução nossa.

<sup>10</sup> Cf. MAGNIEN, V. e LACROIX, M. *Dictionnaire Grec- Français*. Paris : Librairie Paris, 1969, p. 1873.

crime - há muitas coisas que desaprova e que não faria porque as considera más. Assim, de certo ponto de vista, não existe nenhum “homem mau”. Somos todos e queremos todos ser bons, cada qual à sua maneira.<sup>11</sup>

Temos aqui, uma relativização das normas, do que seria o bem/mal o crime/ação justa, que está em sintonia com outros pensamentos expressos pelo poeta, quando este fala da opressão social que “amesquinhou sua obra” e fez com que ele tivesse de esconder o desejo homoerótico nas entrelinhas de seus poemas, para que olhos mais atentos e afinados com o prazer neles expresso pudessem reconhecê-lo.

E assim fizeram os olhos de Mavrogordato e de tantos outros tradutores de língua inglesa ao explicitar os casais de rapazes. E assim fizeram os olhos de David Hockney, nos anos sessenta; os olhos de Fasianos nos anos oitenta e os olhos de Sanrune em 2000. Sanrune é o criador do *Museo del gayo(gay)* e autor das mais recentes ilustrações dos poemas de Kaváfis, ilustrações não apenas em diálogo com a poesia kavafiana, mas em contraponto às interpretações de Hockney e Fasianos.

É interessante pensar como se dá essa interação entre a poesia kavafiana e a arte contemporânea gay, trazendo a estética homoerótica como tema de ligação, entretanto, há uma pergunta que deve ser feita: por que a poesia de Kaváfis? O que há de especial em sua abordagem homoerótica que faz com que seis artistas contemporâneos, ligados a diversos campos da arte vejam na poesia de Kaváfis uma espécie de cânone gay?

Busco começar a refletir acerca de tal questão a partir da poesia de Kaváfis em contraponto com os desenhos de Hockney, Fasianos e Sanrune. Para tanto, optei por selecionar alguns textos ilustrados, devido ao tempo limitado.

---

<sup>11</sup> KAVÁFIS, Konstantinos. *Reflexões sobre poesia e ética* (trad. José Paulo Paes). São Paulo: Ática, 1998, p.64.

Tomemos as ilustrações para o poema já apresentado aqui, Inícios. David Hockney foi o primeiro a fazer a ilustração para o poema, em um livro que foi o resultado de um projeto idealizado pelo próprio artista. O livro veio à público em 1968, em edição especial, numerada pelo autor. Os desenhos de Hockney trazem um traço em nanquim e são retratos que escolhem cenas sugeridas pelos poemas, como a idéia dos amantes descansando e conversando em uma cama em desalinho, ou a ilustração para o poema “Inícios”, em que temos dois jovens sentados na cama encarando aquele que observa o poema, como se soubessem que aquele exato momento estava a ser registrado para a posteridade, através das artes, através do traço de Hockney e das palavras de Kaváfis.

Os desenhos de Fasianos também figuram em livro, entretanto, não em uma tradução, mas em uma edição grega dos poemas de Kaváfis, com ilustrações do pintor grego contemporâneo, o qual recupera um traço que nos faz lembrar as pinturas em antigos vasos da hélade do passado. Fasianos, diferente de Hockney, se utiliza de cores, na maioria das vezes um mesmo tom de azul ou amarelo. Em sua ilustração para “inícios”, encontramos corpos delineados por traços leves em tom de amarelo, um desenho em que os corpos não são detalhados, todavia, há linhas mestras que constituem a figura de dois homens, um ainda sentado sobre o leito, o outro, uma imagem que parece se desfazer, talvez na sombra da memória, a ser recuperada apenas pela arte.

Sanrune, por sua vez, torna pública sua coleção de desenhos e sua opinião acerca dos dois ilustradores anteriores, em seu museu virtual. Seus desenhos são excessivamente coloridos, com um traço que lembra o desenho animado. Suas ilustrações são um tanto “literais” e buscam ilustrar a “estória” que é apresentada nos poemas, como no caso do desenho feito para ilustrar o poema “Inícios”, em que temos dois jovens a levantar da cama sem dizer palavra, com semblantes sérios, talvez



silenciados pelo apreensão em relação ao amor “proibido” que se consumou, ou pelo intenso prazer que resultará em poesia.

É evidente para os três artistas que a relação apresentada no poema de Kaváfis é uma relação homossexual. Mesmo sem a presença de um pronome pessoal para tornar evidente que a relação que se consumara era homoerótica. Isto se dá pelo fato de Kaváfis ter constituído uma estética homoerótica que perpassa todos os seus textos ditos eróticos pela tradição acadêmica, que não gosta de lidar com a questão homoerótica.

Passemos ao poema “Num velho livro”, em que encontramos a descrição de um retrato de “eros”.

Num velho livro - velho de quase cem anos -  
encontrei, entre as suas folhas esquecida,  
uma aquarela em que não constava assinatura.  
Tinha por título “Apresentação do Amor”.

Melhor conviria “- do amor dos sensuais extremados”.

Pois era manifesto, ao contemplar-se o quadro,  
( e facilmente se entendia o propósito do artista)  
que não para os que amam de modo salutar,  
restringindo-se assim ao permitido,  
é que estava destinado aquele efebo  
do quadro - com os seus olhos de um castanho escuro  
e a requintada beleza de seu rosto,  
beleza dos pendores anômalos;  
com seus lábios ideais que levam a  
a volúpia ao corpo amado;  
com seus membros ideais, criados para leitos  
que a moralidade vulgar tem por infames<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> KAVÁFIS, Konstantinos. *Poemas* (trad. de José Paulo Paes). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 158.

O poema opera com um discurso irônico e subversivo, como podemos observar na justaposição dos termos, pois se o “eros” é feito para “prazeres anômalos, tem, igualmente, os **lábios ideais**, os **membros ideais**. Além do mais, a moralidade que condena esse prazer, é uma moralidade comum, vulgar, que contrasta com a idéia de elevação que traz a fruição desse tipo de prazer.

Um jovem nu, retratado de três maneiras diferentes. Hockney, Fasianos e Sanrune ilustram o mesmo poema, como fizeram em relação a “Inícios”. Cada qual a sua maneira: Hockney com o traço negro e delineado, nos mostra um jovem cujos pelos e sexo estão à mostra; Fasianos em traços arredondados e helênicos, um jovem que parece se cobrir com um lençol, mas que deixa à mostra seu sexo ao parecer querer se cobrir, num simulacro de pudor; Sanrune nos apresenta um jovem deitado, em fundo colorido, como a se estivesse deitado numa espécie de estúdio/palco. Todos os três buscam imprimir sua interpretação pessoal do mesmo poema de Kaváfis.

Ao iniciarmos o trajeto de busca de uma resposta para as questões levantadas na presente comunicação, buscamos o pensamento de Foucault acerca da ética da amizade. Uma ética que traria um programa vazio de normas e regulações, que poderia promover um novo direito relacional, com respeito as individualidades, “capaz de oferecer ferramentas para a criação de relações variáveis, multiformes e concebidas de forma individual”<sup>13</sup>. Tal ética seria capaz de gerar uma subjetividade coletiva, livre das amarras identitárias que, muitas vezes, funcionam como cerceadoras da vontade individual, pois, como aponta Judith Butler, uma identidade sempre acaba por excluir algum outro que nela não se encaixe.

Ao pensarmos não em uma identidade gay, mas em uma ética da amizade, que dispensa regras normativas repressoras, seria possível compreender uma ética que pudesse gerar uma subjetivação

---

<sup>13</sup> ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 1999, p.167.

coletiva, que reconhece em autores do passado, os quais muitas vezes produziram à sombra do opressão social, como Forster e, evidentemente, Kaváfis, uma afinidade. O reconhecimento das afinidades subjetivas entre os artistas contemporâneos aqui estudados e o poeta alexandrino se dá a partir de uma vontade de recuperação da palavra poética que lida com a estética homoerótica, apesar de todas as opressões sociais da era vitoriana, que levou Wilde à prisão e que ameaçou Kaváfis de perto.

No entanto, apesar de todo o perigo, de toda a proibição, mesmo não publicando, Kaváfis escreveu, e continua a escrever e a ser re-escrito através das leituras pictóricas feitas de seus poemas por tantas mãos que celebram o fruir do prazer homoerótico.

Talvez seja aquilo a que Foucault chama de ética da amizade, esta ética libertária, que perpassa as criações de Hockney, Fasianos e Sanrune, artistas que recuperam a poesia de Kaváfis, conferindo a ela visibilidade, metafórica e literal, num mundo contemporâneo em que a mídia visual impera e pode funcionar como meio de afirmação de uma cultura gay.